



## O trabalho de Edison Carneiro sobre a Capoeira de Angola

Segala, Lygia

9 Foi com a publicação de *Negros Bantos : notas de etnografia religiosa e de folclore*, em 1937<sup>23</sup>, que Edison Carneiro apresenta uma primeira descrição, em livro, da Capoeira de Angola, já mostrada na imprensa de Salvador<sup>24</sup>, resultado de seu trabalho de campo, de sua observação direta. Elege e consagra a *Capoeira de Angola* como paradigma à análise por lhe parecer « a mais pura » separando-a da *Capoeira Especial* de Mestre Bimba, a « luta regional baiana », que « aproveita golpe de outras lutas desde a luta romana até o boxe e o jiu-jitsu », sucesso de bilheteria no Parque Odeon da cidade (Carneiro, 1981[1ª. ed. 1937], p. 219).

10 A pureza, a origem e a continuidade no tempo do folguado de angola, certificadoras de « tradição » e de « autenticidade », são conferidas, nos seus argumentos, pela experiência que tinha nas ruas e nas folganças, pela qualidade de seu trabalho de campo e de suas fontes, das informações coletadas junto a *capoeiras velhos*, mais próximos das lembranças d'África. Mais do que restituir a história do jogo, calça suas notas em uma genealogia de autoridades.

11 Com poucas fontes de pesquisa « sobre o mundo desconhecido do negro banto », - cita, no livro, os trabalhos de Nina Rodrigues e Arthur Ramos, já notórios nos estudos afro-brasileiros<sup>25</sup>. Além desses autores, Carneiro anuncia em nota introdutória do livro, a colaboração dos *capoeiras* Samuel « Querido de Deus » - « o maior capoeirista da Bahia afirmam-me os negros »<sup>26</sup>, personagem de Jorge Amado em *Bahia de todos os Santos* -, Barbosa e Zeppelin. Vicente Salles<sup>27</sup>, folclorista, assenta que apesar do seu « rigor científico, às vezes mal compreendido », Carneiro « se colocou mais do lado dos portadores de folclore, que a ele se apresentavam sempre desinibidos e solícitos, que ao lado dos teóricos ». Esse compromisso nas duas pontas, afunilando pertencimentos a linhagens de conhecimentos diferentes, acadêmica e popular, expressa-se nas primeiras páginas do livro : a homenagem ao Professor Martiniano do Bonfim, pai de santo e babalaô do Engenho Velho, seu mestre de nagô e amigo, informante de Nina Rodrigues, e a dedicatória, em seguida, a Arthur Ramos, João Cordeiro<sup>28</sup> e Guilherme Dias Gomes<sup>29</sup>.

12 Para Carneiro, a *capoeira de Angola*, na Bahia, « mais próxima de suas origens » (Carneiro, 1981[1ª. ed. 1937], p. 219) é « brinquedo », « divertimento velho », *vadiação*. Distingue-a das antigas *maltas* do Rio de Janeiro, com lutas à navalha, arruaças,

desafios entre as freguesias, nos oitocentos. Dessa *capoeiragem* e desses « tipos de rua », já comentava Mello de Moraes Filho<sup>30</sup> : em « grupos de vinte a cem (...) à frente dos batalhões, dos préstitos carnavalescos, nos dias de festas nacionais, etc, fazem desordem, esbordoão, ferem... » . Carneiro cita Manuel Querino, em *A Bahia de outrora*, quando evoca, por outro viés, o capoeira baiano do passado, com « argolinha de oiro na orelha » e « chapéu de banda » , tipo « desconfiado e sempre prevenido »<sup>31</sup>. Ainda que estudo recentes mostrem registros da *capoeiragem* baiana, desde o século XIX, nos arquivos policiais, Carneiro sugere um outro modo de apropriação e de apreciação da capoeira : « Os capoeiras da Bahia não são homens sem profissão, mas estivadores, carregadores, pescadores, que, nas horas vagas, e jamais em dias úteis, se reúnem para *vadiar* » (2008 [1ª ed. 1950], p. 53).

13 Das suas pesquisas instiga uma cartografia desse *folguedo*, no mais das vezes ligado ao calendário de « festas tradicionais gerais, locais, típicas ou do orogo »<sup>32</sup>. Apresenta, de forma sucinta, várias « espécies de capoeira » - o que mais tarde corrige para « estilos de capoeira », « reconhecíveis pelo ritmo e pela canção » (1982 [1ª. ed. 1974], p. 118). Sem detalhes, descreve a *roda*, a *orquestra* de berimbaus, chocalhos e pandeiros, a « entrada dos lutadores » , a agilidade dos golpes. Destaca cantos e toques, avivando da sua experiência de menino, lembranças do que ouvira em *rodas* na Conceição da Praia. A « autenticidade » do folguedo é instruída pelo *valor de presença* (Heinich, 2012, p. 26). Completa esse inventário afetivo com cantos novos, por vezes *cantos de trabalho* resignificados no jogo da rua. Neles indica misturas de expressões tipicamente portuguesas e africanas, recriações, recomposições na precisão de « mudar de nome para dar no verso », nas deturpações, no sincretismo, no « aproveitamento das quadras populares »<sup>33</sup>. Retoma em outro trabalho, publicado em 1975, no primeiro número dos *Cadernos de folclore*, editado pela Campanha, alguns desses pontos, ampliando informações sobre a história do jogo, seu lugar na literatura como « forma nacional de luta »<sup>34</sup>. Cita capoeiras lendários que inspiraram *chulas*, poemas e crônicas fantásticas, mitos heroicos como o de Mangangá, Besouro de Ouro, tema de cordel e de teatro popular. Dos golpes, apresenta desta vez, uma listagem comentada, talvez por conta das lições já publicadas por alguns Mestres, das codificação crescente dos movimentos nas « academias ». Nesses espaços formalizados de aprendizagem, Carneiro distingue a linhagem de Angola do Mestre Pastinha que « na sua sala de exibições no Pelourinho continua a tradição dos grandes "discip'os de Mangangá" ». Além do « velho Pastinha », inclui os « locais certos » de Waldemar da Liberdade, de Traíra e Canjiquinha como capoeira folclórica popular<sup>35</sup>.

14 No *Caderno de Folclore*<sup>36</sup>, aparecem seis fotos de Marcel Gautherot feitas na região do porto e na praia<sup>37</sup>. Têm, com o apoio do texto,

uma função de comprovação da tradição e da arte, deslocando simbolicamente o *brinquedo à luta nacional*<sup>38</sup>. É Mestre Pastinha, porém, que, através do seu livreto ilustrado (Mestre Pastinha, 1964), com fotos *de verificação*<sup>39</sup>, ajuda a explorar a série de imagens feitas por Gautherot. Referência no estudo de Carneiro<sup>40</sup>, publica em 1964 seu livreto com capa de Carybé e apresentação, na orelha, de Jorge Amado. Já com renome internacional, Amado o distingue como « Mestre da capoeira de Angola e da cordialidade baiana, ser de alta civilização (...). Em sua Escola do Pelourinho, Mestre Pastinha constroa cultura brasileira da mais real e da melhor »<sup>41</sup>. As homenagens e as assinaturas de Amado e Carybé realçam e qualificam o texto e as apreciações do capoeirista<sup>42</sup>. Carneiro no entanto, faz uma resenha pouco entusiasmada na *Revista Brasileira de Folclore*<sup>43</sup>. Critica a *autoria induzida* do trabalho :

*« Pastinha mostrava aos amigos desenhos (na verdade silhuetas) de vários golpes de capoeira e declarava estar preparando um livro »<sup>44</sup>. O folheto não traz os desenhos. E o velho capoeira foi induzido (quem sabe por quem?) a escrever um livro não na sua linguagem ao mesmo tempo pitoresca e pertinente mas com um luxo de vírgulas e de palavras difíceis que nada acrescenta à sua fama. Em vez de desenhos há fotografias – e estas por sinal não são boas fotografias » (1966, p. 226).*

15Na « Bibliografia Crítica » de Vicente Salles, publicada na *Revista*, pode-se ler : « uma obra precária – faltam as melhores experiências pessoais do grande capoeirista » (Salles, 1969, p. 97). Reclamam os autores dos critérios nessa domesticação de autoria onde o texto instruído, ao mesmo tempo em que divulga e promove o jogo, não dá lugar para as diferenças<sup>45</sup>.

16No livreto, Mestre Pastinha distingue a *Capoeira Angola* « jogada » pra valer – « luta e luta violenta », saindo dos limites esportivos daquela de « demonstrações » onde ela é « ginga maliciosa » (Mestre Pastinha, 1964, p. 10), jogo e brinquedo. É sobre esta « demonstração amistosa »<sup>46</sup> que desenvolve seus comentários, demanda seu reconhecimento. Adverte sobre os limites descritivos da fotografia na documentação da capoeira. No livreto, ressalta que elas « mostram uma das faces principais de cada golpe, para ser perfeita descrição seriam necessárias numerosas fotografias para demonstrarem toda a dinâmica de sua aplicação » (Mestre Pastinha, 1964, p. 7).

## Notas

<sup>23</sup> Essa primeira edição do livro, pela editora do Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, fazia parte da Biblioteca de Divulgação Científica, coleção então dirigida por Arthur Ramos.

<sup>24</sup> CARNEIRO, « Capoeira de Angola ». *Jornal O Estado da Bahia*, Salvador, 09 de junho de 1936.

<sup>25</sup> A considerar especialmente *Os Africanos no Brasil* de Nina Rodrigues, escrito entre 1890-1905 e publicado em 1932 e *O Negro Brasileiro : etnografia religiosa e psicanálise* publicado em 1934 (Rio de Janeiro, Civilização Brasileira) e *O Folclore negro do Brasil : demopsicologia e psicanálise* (Rio de Janeiro, Casa do Estudante do Brasil) em 1935, de Artur Ramos. Olívia Gomes

da Cunha, no estudo que faz sobre a troca de correspondência entre Carneiro e Ramos sublinha que « entre os dois, Edison parece encarnar voluntariamente a figura de um cordial e aplicado coletor de informações e Ramos, um nada inocente e provável editor de seus escritos ». CUNHA, 2004, p. 63. E, pouco afeito, no entender de Carneiro, à pesquisa de campo. CARNEIRO, 1964.

**26** CARNEIRO, 1981 [1937 1ª ed.], p. 219. A notar que, Mestre Querido de Deus dirigiu a exibição de Capoeira de Angola no II Congresso Afro-brasileiro na Bahia, articulado como já se indicou, por Carneiro.

**27** Cf. « Apresentação ». In: CARNEIRO, 1982. A primeira edição veio a público, em 1974, depois da morte de Edison Carneiro (1972).

**28** Romancista baiano, participou, em Salvador, com Carneiro e Jorge Amado do movimento literário conhecido como Academia dos Rebeldes (1927-1931). Ver a respeito NASCIMENTO, 2010: 32-33.

**29** Guilherme Dias Gomes realizou com Edison Carneiro um vocabulário nagô-português a partir de levantamentos feitos junto ao mestre Martiniano do Bonfim.

**30** MELLO MORAES FILHO, 1895, p. 403. Sobre « luta violenta », Carneiro, baseado em QUERINO, 1955, menciona brevemente os capoeiras valentes da Bahia, no tempo do Império, mandados à Guerra contra o Paraguai (1864 -1870). CARNEIRO, 1981 [1ª. ed. 1937], pp. 211-212.

**31** QUERINO, 1955 [1ª. ed. 1916], 75, 73. O livro, dessa 4ª edição é ilustrado com desenhos de Carybé.

**32** CARNEIRO, 1982 [1ª. edição 1974], pp. 15-16. O autor enfatiza que « as festas tradicionais são a moldura necessária e própria à existência dos folguedos populares. E, sem estes, será impossível recuperar, em toda a sua riqueza, o folclore brasileiro ». Idem, p. 16.

**33** CARNEIRO, 1981 [1937 1a. ed.], pp. 216-217.

**34** A sublinhar que tentativas de reconhecimento da capoeira como « ginástica nacional » foram feitas, ainda que de forma isolada, já início do século XX, principalmente através dos argumentos nacionalistas do escritor Coelho Neto que a « celebrava como a verdadeira educação física do Brasil ». Apud. *Inventário...* 2006, p. 17.

**35** Sobre a invenção e a estabilização da categoria *Capoeira de Angola* ver VASSALO, 2003, pp. 106-124.

**36** Os textos do *Cadernos de folclore n.1* foram também publicados no livro *Folguedos tradicionais*, já citado.

**37** São também de Gautherot as fotos que ilustram o texto de Edison Carneiro, *Capoeira*, publicado em 1956, na festejada *Revista Módulo de Arquitetura e Artes Plásticas*, n.4. Esta tinha como um dos diretores o arquiteto Oscar Niemeyer. O texto é resumido abrindo espaço para as fotografias, algumas em página inteira. Aparecem entre os trabalhos de Oswaldo Goeldi e Maria Martins, artistas reconhecidos de vanguarda na época, também publicados nesse número.

**38** Cabe lembrar que no almoço oferecido ao Presidente da República Getúlio Vargas, à ocasião do 1º. Congresso Nacional de Folclore, em 1951, entre as « demonstrações folclóricas » exibidas estão « capoeiristas baianos em demonstrações ritmadas da *Capoeira de Angola* ». Jornal *A Noite*, Rio de Janeiro, 27 de agosto de 1951 ; Hemeroteca da Biblioteca Amadeu Amaral, Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, Rio de Janeiro.

**39** O livreto traz 17 fotografias comentadas sobre o jogo, os instrumentos musicais e os golpes. A baixa qualidade das imagens revela, nas áreas difusas, pernas e braços, figuras fundamentais dos movimentos instigando o leitor a adivinhar detalhes do resto do corpo e da dinâmica do jogo. Chamam sempre a atenção, nessa arte da "Academia", os pés com meias e sapatos em contraponto aos pés nus nas *vadiações* de rua.

**40** A frisar que, em 1966, com Edison Carneiro, Mestre Pastinha e outros capoeiristas de Angola participam do *I Festival Mundial de Artes Negras*, em Dakar, Senegal. Tal distinção atualiza e consagra as idéias de Carneiro sobre a *pureza*, a *origem* e a *tradição* da *Capoeira de Angola* no âmbito das manifestações populares afro-brasileiras. A *Revista Brasileira de Folclore* (n. 15 (1), maio-ago 1966), noticia a publicação de *The African Contribution to Brazil*, pelo Ministério das Relações Exteriores do Brasil, para apresentação no evento. Nela, Carneiro escreve um ensaio sobre religião. As fotografias do livro são de Marcel Gautherot.

**41** Na economia interna do livro, essa reverência textual se afirma no jogo de reconhecimentos recíprocos expresso em fotografia (p. 13) assentido pela legenda : « Mestre Pastinha abraçado ao seu grande amigo e admirador Jorge Amado, o escritor que é uma glória para as letras nacionais ».

**42** Outra foto de homenagem de Wilson Lins - romancista, Secretário de Educação e Cultura da Bahia 1959-62 - e a dedicatória ao Dr. José Benito Colmenero - médico espanhol, professor de acordeom e capoeirista - que faz a apresentação do livro, oficializam de certo modo o jogo atestando-o como expressão turística da Bahia. Nessas imagens introdutórias há ainda uma « vista do prédio onde funciona a Academia » (p 19), vizinha à Igreja N. Sra. do Rosário dos Pretos no Pelourinho tombada pelo SPHAN (Serviço de patrimônio histórico e artístico nacional), em 1938. Afirma-se, pela narrativa de imagens, legitimidade e competência culturais.

**43** *Revista Brasileira de Folclore* n. 15, maio-agosto 1966 p. 226.

**44** Os manuscritos e desenhos de Mestre Pastinha, no seu "Quando as pernas fazem *mizérer*"(sic), 1960, podem ser consultados em <http://portalcapoeira.com/Downloads/Download-document/55->

Os-Manuscritos-do-Mestre-Pastinha, acesso 02-07-2012. A notar que, nesse processo de reconhecimento do jogo como manifestação cultural, para além de artigos em publicações especializados ou na grande imprensa aparecem, principalmente a partir dos anos 1960 livros assinados pelos próprios capoeiras, fixações textuais do que antes se aprendia pela observação, experimentação, ouvir dizer. Waldeloir Rego menciona que a “primeira contribuição impressa assinada por capoeirista foi o livreto com as lições do curso de Mestre Bimba que acompanhava o LP *Curso de Capoeira Regional Mestre Bimba* saído pela gravadora baiana J.S. Discos, s/d. Indica ainda o de Rafael Alves França (Cobrinha Verde), Centro Esportivo de Capoeira Angola 2 de julho/ narrado por Rafael Alves França e escrito por José Alexandre. Salvador, 1963. REGO, 1968, pp. 270, 263.

**45** A reter que na sua estratégia política, Carneiro faz-se também porta-voz, apoio engajado na visibilidade dos saberes populares. Em carta a Vivaldo Costa Lima (9/11/1967) menciona que escreveu artigos no jornal *O Estado da Bahia* para Martiniano do Bonfim : « tomei as notas, redigi o artigo e levei-o novamente ao velho babalô, que o aprovou ». Acervo Edison Carneiro. Biblioteca Amadeu Amaral, CNFCP, Rio de Janeiro.

**46** Além dessas categorias – *luta violenta, demonstração amistosa* – o capoeirista Mestre João Grande menciona a *capoeira de show*, em espetáculos folclóricos. CASTRO, 2010, p. 32.